

Formas de apoio no trabalho em equipe durante a interpretação remota de português-Libras em conferências

Tiago Coimbra Nogueira* e Vinicius Nascimento**

Introdução

O trabalho em equipe é frequentemente observado entre intérpretes que atuam em conferências, principalmente nas configurações de eventos que possuem uma programação com duração superior a uma hora envolvendo assuntos densos, complexos e de áreas muito específicas. A International Association of Conference Interpreters [Associação Internacional de Intérpretes de Conferência] (AIIC) alerta, em seu material denominado *Professional Standards*, que “dado o cansaço físico e mental causados pela concentração prolongada, certas restrições serão necessariamente aplicadas à composição das equipes para garantir que o trabalho realizado seja de ótima qualidade”¹ (AIIC, 2022, p. 3).²

Na atuação de intérpretes de conferências que trabalham com línguas vocais-auditivas³, o trabalho em equipe é algo já consolidado

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul

** Universidade Federal de São Carlos

¹ No texto fonte: “Given the physical and mental fatigue that are caused by sustained concentration, certain constraints will necessarily apply to the composition of teams in order to guarantee that the work done will be of an optimum quality”.

² Todas as traduções de textos em língua estrangeira foram realizadas pelos autores deste artigo.

³ Segundo McBurney (2004), as línguas humanas podem ser apresentadas a partir de duas modalidades: a vocal-auditiva, cuja produção se dá pela utilização do aparelho fonatório-articulatório e a recepção

(PAGURA, 2003; CHMIEL, 2008; JENSEN, 2006), mas, em relação aos intérpretes que atuam com uma língua de sinais, identificamos um amadurecimento recente dessa prática nos últimos anos. Alguns fatores podem contribuir para esse processo, como, por exemplo: i) maior conscientização sobre os benefícios do trabalho em equipe, e ii) maior acesso a formações que abordam a atuação de uma forma colaborativa.

Segundo Chmiel (2008), os intérpretes trabalham em pares não apenas para fins de revezamento e relaxamento, mas também com o objetivo de cooperação mútua. Compreendemos que “equipe de interpretação”, nesse sentido, se refere ao time de dois ou mais intérpretes que estão escalados para atuarem juntos em uma situação comunicativa (NOGUEIRA, 2016). Os trabalhos de Hoza (2010), Russel (2011) e Nogueira (2016) já demonstraram que se espera que uma equipe de intérpretes atue de forma colaborativa antes do evento, na fase chamada de preparação, durante o trabalho de intermediação linguística e cultural e, ao final, ao realizar feedbacks e ponderações sobre o trabalho realizado.

Com a pandemia causada pela COVID-19, todos os intérpretes vivenciaram uma aceleração do processo de oferecimento do trabalho de interpretação de forma remota (NASCIMENTO *et al.*, 2020; NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2021), que pode ser descrita como a situação em que os intérpretes realizam seu trabalho não estando no mesmo local que os interlocutores de uma determinada comunicação. Assim, torna-se

pela audição; e a gesto-visual, cuja produção se dá pela utilização das mãos como principais articuladores associados ao espaço e ao corpo e à recepção pela visão. Para pesquisadores dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, como Quadros e Segala (2010), Nascimento (2016) e Rodrigues (2022), a *oralidade* pode estar presente nas duas modalidades de língua, pois entende-se “oral” como a expressão possível de acontecer em uma interação espontânea ao vivo. Nesse sentido, quando falarmos das modalidades das línguas envolvidas no processo de tradução intermodal, adotaremos as expressões cunhadas por McBurney (2004).

necessário o uso de alguma tecnologia de comunicação que possa intermediar os processos comunicativos (MOSEMER-CER, 2005).

O momento vivido impulsionou buscas de mecanismos de adaptação às possibilidades de interação entre as equipes de trabalho, nas formas de apoio e nas possibilidades de revezamento durante os turnos da interpretação. Novas práticas começaram a ser vivenciadas pelas equipes de intérpretes, que precisaram se adaptar a não estar mais no mesmo espaço, mas realizando a interpretação de lugares distintos.

O objetivo deste estudo, portanto, é apresentar uma análise descritiva de tipos de apoio e formas linguísticas utilizados por uma equipe de intérpretes durante a atuação em uma conferência remota que aconteceu no período de distanciamento social imposto pela pandemia do Covid-19. Tendo em vista que o trabalho em equipe contribui significativamente para a qualidade da interpretação, nos parece importante compreender melhor essa prática tão atual e emergente.

A análise proposta se baseia nas categorias descritas por Nogueira (2016), que olhou para o trabalho de equipe de intérpretes que atuam com o par linguístico Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Língua Portuguesa em cabines de interpretação simultânea. Usar esse parâmetro nos possibilita verificar se as categorias apresentadas naquele estudo de 2016 também podem contribuir para a descrição da mobilização de equipes de intérpretes atuando na interpretação simultânea remota. Descrevemos abaixo um pouco mais sobre trabalho em equipe e tipos de apoio e as formas como esses apoios podem ser oferecidos.

1. O trabalho em equipe e os tipos de apoio

Neste trabalho, abordamos a atividade da interpretação de modo simultâneo, realizado em equipe em uma plataforma virtual de forma remota. Segundo Gile (1995), a interpretação simultânea é uma atividade complexa que envolve diferentes aspectos como memória, processamento, compreensão, produção e a coordenação de tudo isso ocorrendo ao mesmo tempo. Além desses aspectos, o intérprete precisa lidar com diversos eventos ligados às situações da interpretação e uma variação significativa de público. De maneira geral, o que caracteriza essa modalidade é o recebimento da informação em tempo real pelo intérprete, que processa a informação na língua fonte e depois a verte para a língua alvo em poucos segundos.

Uma das alternativas para que a interpretação simultânea ocorra com mais qualidade é o trabalho em equipe. Russell (2011, p. 1) resume a interpretação em equipe da seguinte maneira:

A interpretação em equipe refere-se a situações de interpretação em que dois ou mais intérpretes estão trabalhando juntos com o objetivo de criar uma interpretação, se beneficiando dos pontos fortes de cada um e apoiando um ao outro para consistência e sucesso⁴.

As associações e federações que agrupam os intérpretes de conferências são instituições que frequentemente advogam para que o trabalho em equipe seja uma prática comum entre os profissionais na entrega do serviço. Porém, conforme defende Chmiel (2008), o tema deve ser mais bem explorado nos Estudos da Interpretação, pois muitos pesquisadores se concentram justamente nas habilidades individuais do

⁴ No texto fonte: "Team interpreting refers to interpreting situations where two or more interpreters are working together with the goal of creating one interpretation, capitalizing on each other's strengths, and supporting each other for consistency and success".

intérprete, não havendo muitas referências ao trabalho em equipe na literatura sobre interpretação simultânea.

O trabalho em equipe envolve, pelo menos, duas posições: a do intérprete que está realizando a interpretação, que denominaremos aqui de *turno*, e a do que está no suporte e na espera pela sua entrada, que será aqui denominado de *apoio*. O papel de cada um pode se alterar a depender das modalidades de língua em que a equipe de interpretação atua. No caso da interpretação de línguas gesto-visuais, a atuação do intérprete de apoio é algo muito significativo para a produção da interpretação, e o acesso a ele por parte do intérprete de turno precisa ser garantido, de modo estrutural, pela equipe.

O intérprete na função de apoio acompanha o trabalho da interpretação e monitora a mensagem dita na língua fonte e a mensagem produzida na língua alvo pelo intérprete de turno. Hoza (2010) vai dizer que o intérprete na função de apoio tem uma posição mais livre em comparação ao intérprete de turno e pode observar a necessidade de oferecer um tipo de suporte que beneficie a interpretação que está sendo realizada. Ele pode focar nas diferentes necessidades da equipe (se o intérprete de turno fizer alguma solicitação, o intérprete de apoio pode oferecer uma sugestão) ou em questões relativas ao ambiente. Silva e Nogueira (2012, p. 2) resumem assim essa atuação:

[O] intérprete conta com o auxílio de um colega de apoio que pode tomar notas em seu lugar e lhe passar informações que possam ter sido perdidas, ou sinais que sejam desconhecidos pelo intérprete atuante, assim como pode oferecer sugestões acerca de termos mais adequados e oferecer feedback positivo em relação à interpretação realizada.

Segundo Nascimento e Nogueira (2021), antes da pandemia, em eventos presenciais que faziam uso dos serviços de interpretação na direção

Português-Libras, os intérpretes se posicionavam no palco, diante do público, geralmente ao lado do orador, sendo percebidos por todos os presentes no evento. O intérprete de apoio, aquele que oferece algum suporte para o intérprete de turno, que está na interpretação, ficava na primeira fileira para que o colega pudesse ter boa visualização dele e absorver os apoios que eventualmente o colega poderia oferecer. Na direção contrária, Libras-Português, o intérprete se sentava à frente do sinalizador com um microfone na mão enquanto o intérprete de apoio se sentava ao lado dele. Embora o destaque vá para a voz do intérprete, era possível localizá-lo entre os presentes no auditório. Mais recentemente, no Brasil, têm sido realizados eventos em que os intérpretes que atuam na direção Libras-Português se localizam em cabines de interpretação, com um monitor que transmite a imagem do palestrante para que a interpretação seja realizada. Nessa situação, ainda há uma preocupação com o trabalho do intérprete de apoio, uma vez que os profissionais ficam um ao lado do outro para também atuarem de forma cooperativa.

Hoza (2010) apresenta dois tipos de apoio para quando os intérpretes estão atuando em equipe de forma colaborativa e interdependente:⁵ (a) “correções” e (b) “melhorias”. As correções estariam relacionadas ao esforço do intérprete de apoio ao comparar a interpretação com o texto-fonte e sugerir informações que possam reparar o conteúdo entregue na língua-alvo, algo que possa ter sido omitido, adicionado ou alguma informação que acabou saindo enviesada. De forma geral, as correções têm a intenção de fazer com que o conteúdo ou algum fato que

⁵ Essa forma colaborativa e interdependente é proposta por Hoza (2010) como um dos modelos de atuação que pode ser seguido por uma equipe de intérpretes quando ocorrem ações de colaboração antes, durante e depois de uma conferência. Para o autor, os intérpretes estudam juntos e fazem combinações prévias, se apoiam mutuamente durante a interpretação, avaliam e oferecem feedback após a interpretação.

possa ter sido interpretado de forma inadequada seja corrigido durante a interpretação.

Nesse caso, o intérprete incorpora a correção na interpretação e fica claro para o público que uma alteração foi feita; em alguns momentos explicitamente, o intérprete se desculpa, faz a correção, e retoma a interpretação. Entretanto, é possível que o intérprete incorpore a informação da correção no fluxo da interpretação e o público não perceba que foi preciso realizar a correção.

A segunda categoria descrita por Hoza (2010) são as melhorias, que estariam relacionadas com um enriquecimento e aprimoramento do texto produzido para a língua-alvo e têm relação com a situação e com o significado textual da interpretação. Sobre essas, Hoza (2010, p. 69) afirma que:

Melhorias representam um esforço para aprofundar o sentido expresso na LA [língua alvo], para torná-lo mais culturalmente apropriado ou adequado para a situação, ou para tornar o discurso mais natural e fácil de seguir.⁶

O autor também apresenta a “confirmação”, que não é categorizada como um tipo de apoio por ele, mas como uma interação entre a equipe. Para Hoza, a confirmação estaria relacionada ao momento em que o intérprete de apoio informa ao intérprete de turno que o texto na língua alvo corresponde ao texto exposto pelo orador na língua-fonte e que está sendo transmitido com precisão. De acordo com Hoza (2010), a confirmação pode ocorrer após ou enquanto o intérprete está produzindo o discurso e serve como uma espécie de teste da realidade, para fazer com que o intérprete saiba que a interpretação está sendo bem-sucedida, de

⁶ No texto fonte: “Enhancements represent an effort to deepen the meaning expressed in the TL, to make it more culturally appropriate or appropriate to the situation, or to make the discourse more natural and easier to follow”.

modo a seguir em frente com a interpretação. Algumas formas são descritas, por exemplo, quando o intérprete de apoio faz um aceno com a cabeça de confirmação ou até mesmo quando fala frases curtas diretas e claras como “você entendeu” ou “muito bom”.

Há também uma ação do intérprete que está no turno que pode explicitamente pedir uma confirmação, dizendo, “foi isso mesmo?” ou se inclinar na direção do intérprete de apoio, o qual, com um olhar, pode entender que está sendo requisitado. Também é possível que o intérprete de apoio perceba que a confirmação se faz necessária devido a alguma hesitação ou um olhar incerto ou mesmo confuso do intérprete de turno.

Jensen (2006), em pesquisa realizada com intérpretes de línguas vocais-auditivas, discute estratégias utilizadas na cabine de interpretação simultânea e afirma que a cooperação entre intérpretes pode aumentar a qualidade da produção e a satisfação do cliente. O autor enfatiza a necessidade da consistência terminológica entre a equipe, além de salientar que quando houver diferença nas habilidades dos intérpretes, ambos devem buscar formas de serem complementares um ao outro e não concorrentes na interpretação.

Nos resultados encontrados por Jensen (2006), a maioria dos profissionais esperava que seus colegas ficassem na cabine e ajudassem quando estavam no turno da interpretação, havendo preferência de que o apoio fosse dado por escrito. A duração média de um turno seria de 30 minutos e as trocas deveriam ser feitas em pausas naturais e não cronometradas. O autor relata que a equipe deve negociar previamente como e quando um apoio deve ser oferecido, e quando a troca de turnos da interpretação irá acontecer.

Chmiel (2008) realiza um estudo mais abrangente com 200 (duzentos) intérpretes de línguas vocais-auditivas filiados à AIIC e que atuam em diversos mercados para conhecer suas expectativas e necessidades em relação ao trabalho em conjunto na cabine. Os participantes foram questionados sobre como atuam, o que ocorre na cabine durante um trabalho e suas percepções sobre a necessidade dessas temáticas estarem inseridas nos cursos de formação.

A pesquisa mostra que a maioria dos intérpretes está disposta a apoiar seus colegas de cabine quando solicitado e espera algum apoio quando estiver interpretando, principalmente no que diz respeito ao processamento de números ou busca de documentação. Porém, relatam que o apoio não pode ser contraproducente, ou seja, não pode perturbar a concentração do colega. Para Chmiel (2008 p. 14), “a forma como o apoio é oferecido é tão importante quanto o apoio em si”⁷.

No contexto brasileiro, um dos primeiros trabalhos que descrevem tipos de apoio entre a equipe de intérpretes de Libras-Português foi apresentado em 2012 por Silva e Nogueira, no 3º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais e Língua Portuguesa. Os autores analisam sua atuação durante o estágio do curso de Letras Libras e de acordo com a observação das gravações de suas atuações descrevem cinco tipos diferentes de apoio. No quadro abaixo podemos ler uma síntese do que foi apresentado pelos autores.

⁷ No texto fonte: “the way assistance is offered is as important as the assistance itself”.

Quadro 1 - tipos de apoio descritos por Silva e Nogueira (2012)

Tipos de apoio	Resumo conceitual
Feedback positivo com a cabeça	Acontece quando o intérprete que está na função de apoio acompanha a sinalização do colega e, percebendo a coerência da interpretação, confirma com movimento positivo da cabeça que o colega de turno está interpretando de forma clara e não necessita de nenhuma intervenção do intérprete de apoio.
Feedback positivo com o sinal ou reforço	Tem a mesma finalidade do feedback positivo com a cabeça, porém nessa categoria são utilizados também sinais manuais, por exemplo, o sinal de “correto” ou a repetição do sinal realizado pelo intérprete atuante.
Correção	Ocorre quando o intérprete de apoio julga e demonstra ao intérprete atuante que a escolha feita por ele não foi adequada, então ele sugere uma correção, que pode ser aceita pelo intérprete atuante ou não. Usa-se aqui o termo “julga”, porque é possível acontecer que o intérprete de apoio compreenda de forma errada a informação e pense que o atuante é que tenha entendido de maneira errada, quando na verdade é o contrário.
Esclarecimento	É a percepção do intérprete de apoio de que o intérprete de turno demonstra não ter certeza da informação que deve passar para a língua alvo. Essa demonstração pode ser por meio da expressão facial de dúvida, interrupção na sinalização ou se dirigindo diretamente ao seu apoio, informando-o. Como exemplos, podemos citar dúvidas, por parte do intérprete atuante, sobre como realizar a soletração correta da palavra ou quando este não compreende a informação, quer por não tê-la ouvido quer por tê-la ouvido, mas sem alcançar a compreensão.
Complemento	Acontece quando o intérprete de apoio sugere um sinal ou uma estratégia que deixaria a interpretação mais clara, ou que ele julga que possa se caracterizar como uma dificuldade para o colega. Podem-se citar, como

	exemplo, situações nas quais se depara com um termo que não possui um sinal convencionado na língua alvo para determinado termo da língua fonte ou quando ele é desconhecido pelo intérprete atuante, necessitando que o intérprete utilize um descritor visual ou a soletração.
--	--

Criado pelos autores conforme Silva e Nogueira (2012, p. 4-5).

Inspirado no trabalho de Hoza (2010) e Silva e Nogueira (2012), Nogueira (2016) faz um estudo descritivo sobre a atuação de intérpretes de Libras-Português atuando em equipe em cabine, no contexto de conferências, e demonstra a mobilização dos intérpretes de diversas formas para colaborar com os processos de interpretação. O autor descreve sete categorias de apoio e os tipos de produção em que esses apoios são oferecidos e as formas linguísticas utilizadas para oferecer ou receber essas contribuições. A partir do estudo, podemos compreender que os tipos de apoio são categorias criadas analisando as intervenções relacionadas à interação e ao discurso interpretado. São nomeados como: (i) feedback com a cabeça, (ii) confirmação, (iii) esclarecimento específico, (iv) esclarecimento contextual, (v) sugestão de interpretação, (vi) correção e (vii) complemento como formas de apoio. Abaixo apresentamos um quadro que apresenta cada um dos tipos de apoio descritos por Nogueira (2016).

Tipos de apoio	Resumo conceitual
Feedback com a cabeça	Ocorre quando o intérprete que está na função de apoio acompanha o fluxo da interpretação do intérprete de turno e, percebendo a coerência e adequação na interpretação, informa ao intérprete de turno que ele está no caminho certo e, para isso, realiza um balanço de confirmação com a cabeça, o que serve como retorno ao colega, sendo uma forma de comunicação e apoio entre

	os membros da equipe.
Confirmação	Tem uma finalidade parecida com o <i>feedback com a cabeça</i> , com a função de ênfase e aprovação da escolha realizada pelo intérprete de turno, porém, nessa categoria são utilizados sinais manuais, frases afirmativas em língua portuguesa ou, até mesmo, a produção de um sinal que reitera o que foi falado pelo intérprete de turno.
Esclarecimento específico	Acontece quando o intérprete de turno demonstra alguma insegurança, incerteza de alguma informação ou de como ela deve ser interpretada para a língua-alvo, observável pela expressão facial de dúvida, pela interrupção da interpretação-voz, por uma pausa longa, ou ainda pela declaração direta ao apoio informando sobre a dúvida. Geralmente é solicitado pelo intérprete de turno ao intérprete de apoio, que envia como retorno uma <i>sugestão de interpretação</i> .
Esclarecimento contextual	Ao contrário do <i>esclarecimento específico</i> , não tem uma característica tão pontual; tem como objetivo dar uma visão global sobre o que está sendo dito. Geralmente é oferecido pelo intérprete de apoio, como uma tentativa de descrição e antecipação do apoio do que poderá ser dito pelo palestrante.
Sugestão de interpretação	Está totalmente ligada a um apoio que poderá ser incluído durante a interpretação e tem o intuito de oferecer uma possível solução para um problema interpretativo que o intérprete de turno possa estar enfrentando; ocorre quando a produção da mensagem no texto-alvo ainda não foi concluída pelo intérprete de turno, possibilitando que o apoio recebido seja inserido na mensagem final que o público irá receber. Esse tipo de apoio também aparece como resposta a uma solicitação de <i>esclarecimento específico</i> , solicitado pelo intérprete de turno.
Complemento	Acontece quando o intérprete de apoio sugere algo que, em sua opinião, deixaria a interpretação mais clara, ou algo para dar ênfase a algum aspecto. Os apoios acontecem depois do intérprete de turno já ter concluído a sentença, porém o intérprete de apoio

	acredita que ainda exista uma informação que não pode deixar de ser dita e então oferece o complemento, algo que pode ser inserido (ou não) na interpretação pelo intérprete de turno.
Correção	Ocorre quando há algum equívoco na interpretação; normalmente é julgado pelo intérprete de apoio que a escolha realizada pelo intérprete do turno não foi adequada, sendo assim, o apoio sugere uma forma alternativa, que corrija a informação.

Fonte: Nogueira (2016, p. 151-152)

As formas que os intérpretes utilizam para que o apoio aconteça foram chamadas de “tipos de produção”, como: aceno com a cabeça, sussurro, sinal e soletração manual. Nogueira (2016) descreve que, quando o apoio ocorria por meio de um sussurro, isto é, o ato de falar em voz baixa entre os intérpretes da equipe, observava-se que a sua produção aparecia em três formas linguísticas diferentes: por uma frase longa em língua portuguesa (FLP)⁸ — formada por quatro ou mais palavras —, uma frase curta em língua portuguesa (FCP) — com até três palavras —, ou apenas uma palavra em língua portuguesa (1PP). O apoio também ocorreu por meio do fornecimento de sinais da Libras, bem como da soletração de uma palavra utilizando-se do alfabeto manual de um termo em português, ou pelo balançar da cabeça (afirmando ou negando, por exemplo). Esses estudos apresentam mobilizações diversas entre os membros de uma equipe para que os intérpretes possam contribuir um com o outro durante a interpretação. Passaremos, a seguir, para os aspectos metodológicos de nosso estudo.

⁸ As siglas FLP, FCP e 1PP foram criadas para auxiliar no processo de notação dos dados.

Aspectos metodológicos

Este é um estudo analítico-descritivo sobre o trabalho de equipes de intérpretes atuando em conferências de forma remota, que busca explorar estratégias de apoio empregadas por eles durante a interpretação da língua portuguesa para Libras. Também explora as concepções sobre o trabalho em equipe e a construção de papéis durante o trabalho. Os participantes do estudo são uma dupla de intérpretes, formada por um dos autores. A dupla é formada por uma pessoa do gênero masculino e outra do gênero feminino, ambos intérpretes de conferência com mais de 15 (quinze) anos de experiência e os dois intérpretes são filiados à Associação dos Profissionais Intérpretes de Conferência (APIC). Ambos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e um Termo de Uso de Imagem autorizando a publicação de suas imagens neste artigo. Nesse sentido, a abordagem aqui apresentada é qualitativa e de caráter analítico-descritivo. De acordo com Gil (2019), as pesquisas descritivas e exploratórias são as realizadas por pesquisadores do campo das Ciências Humanas e Sociais preocupados com a atuação prática, que buscam resguardar os direitos éticos dos participantes da pesquisa.

A participação de um dos intérpretes como autor neste trabalho configura o que Engel (2000, p. 182) denomina como pesquisa-ação, que “procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta”. Este tipo de pesquisa é muito comum em contextos em que o sujeito pesquisador também participa ativamente do contexto de pesquisa e é muito observada no contexto educacional. Todavia, no campo dos Estudos da Tradução e

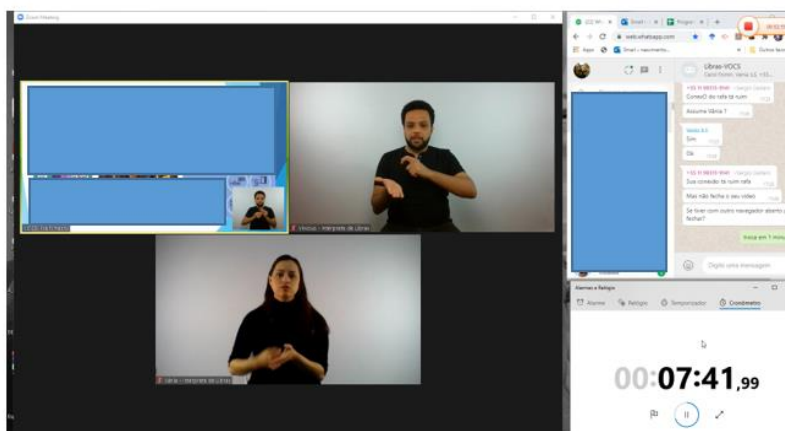
Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) no Brasil, tem havido um aumento desse tipo de pesquisa, justamente porque os intérpretes e tradutores de Libras têm se deslocado do ambiente profissional a fim de compreender suas próprias práticas. Conforme Nascimento e Nogueira (2021, p. 7015),

[Q]uando a posição dos pesquisadores coincide com as dos sujeitos da pesquisa, um necessário movimento de alteridade que faça emergir a diferença das posições na construção do saber é necessário. Com isso, o pesquisador, ainda que seja o mesmo sujeito presente no corpus, precisa enfrentar a si mesmo como outro [...]. Nesse sentido, durante a conferência, o autor está na posição enunciativo-discursiva de intérprete, assumindo a responsabilidade de mediar a comunicação dos oradores com o público. No entanto, durante o estudo surgiu a necessidade de deslocamento daquela posição para uma diferente, a de pesquisador. Nessa nova posição, extrapostos à atividade vivenciada enquanto intérprete, o autor olha para si como outro, isto é, como sujeito participante da pesquisa em interação com os demais porque há, nesse sentido, a instauração da diferença de posições e, portanto, de percepções.

Algumas questões de pesquisa orientam o estudo, como: i) quais formas de apoio são utilizadas por intérpretes ao realizar a interpretação de português para Libras em plataformas de interação remota?; ii) Existe algum tipo de interação específica que ocorre devido ao fato de que a interpretação está sendo realizada de forma remota?

O estudo consistiu em duas fases: a primeira incluiu a gravação em vídeo da equipe que trabalhou em situação de interpretação simultânea remota e a segunda envolveu a análise das interpretações observando os tipos de apoio realizados. Importante ressaltar que o contexto da investigação é uma situação real de interpretação, ou seja, não foi realizada de forma simulada. A figura 1 ilustra uma captura da gravação feita da tela do computador de um dos intérpretes da equipe.

Figura 1 – Imagem da tela durante a interpretação remota



Fonte: acervo pessoal de um dos autores

O evento interpretado foi realizado por uma instituição cultural da cidade de São Paulo e se propunha a discutir a Lei N. 14.017 de 29 de junho de 2020, mais conhecida como Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural, que foi elaborada pelo Congresso Nacional com o objetivo de atender ao setor cultural brasileiro, um dos mais afetados com as medidas restritivas impostas pela pandemia de Covid-19. Nesse evento, alguns convidados realizaram falas espontâneas sobre o tema e outros leram textos produzidos previamente. Portanto, o fluxo de fala dos oradores variava de uma espontaneidade presente na fala, com hesitações, interrupções, complementações, a uma produção oral mais organizada e fluida presente na leitura.

A interpretação realizada tem um total de 1h54min, e a gravação da tela foi feita por um dos intérpretes, utilizando o software *DURecorder* para a realização da gravação. Conforme a figura 1, a tela gravada permite observar a imagem dos dois intérpretes da equipe, que se conectaram no evento e entre si através da plataforma *Zoom*; além disso, observa-se que os intérpretes, quando estão na função de apoio, conversam com os técnicos por meio do aplicativo *Whatsapp web*, para informar sobre a troca de turno.

O intérprete também usou um cronômetro como forma de marcação do tempo da interpretação. Devido ao limite de espaço deste artigo, focaremos na análise dos tipos de apoio mais recorrentes e os que eventualmente se diferenciam da base teórica de referência para este estudo.

2. Análise do trabalho remoto em equipe

Um aspecto inicial para observarmos é a forma como a interpretação remota foi realizada. Dependendo da plataforma, será exigida uma interação diferente da equipe. Conforme mencionado anteriormente, na situação analisada, os intérpretes acessaram a plataforma de videochamadas *Zoom*. Essa plataforma possui um recurso específico para a interpretação, porém, somente para as línguas vocais. Para a interpretação de línguas de sinais são feitas adaptações. Conforme é descrito por Nogueira (2022), existem pelo menos três formas de configurações e demandas ocorrendo entre os intérpretes atuando de forma remota atualmente no Brasil, são elas: i) os intérpretes estão na mesma sala virtual que os participantes e há uma equipe técnica que controla o enquadramento e a troca de turno dos intérpretes; ii) os intérpretes estão na mesma sala virtual que os participantes e os próprios intérpretes controlam a troca de turno e o enquadramento é definido pela plataforma, ou seja, não existe possibilidade de aumentar ou diminuir a tela do intérprete, pois o tamanho segue a configuração da plataforma; iii) os intérpretes estão em sala virtual separada dos participantes e há uma equipe técnica que controla o enquadramento e a troca de turnos dos intérpretes (NOGUEIRA, 2022).

No caso analisado, o modelo de interação para a transmissão da interpretação consistiu no terceiro modelo apresentado por Nogueira

(2022), em que os intérpretes estão em uma sala virtual separada dos participantes e há uma equipe técnica que controla o enquadramento e a troca de turnos dos intérpretes. Há um vídeo de retorno para que os intérpretes acompanhem a sala dos palestrantes. Sobre esse tipo de interação, Nogueira (2022, p. 162) faz a seguinte descrição:

Os intérpretes frequentemente combinam com os técnicos a forma de avisar quando será a troca de turno. Pode acontecer pelo chat da própria plataforma, ou por um outro aplicativo de envio de mensagens externo, ou até a combinação de algum gesto que seja identificado pela equipe técnica. [...] Por estarem sozinhos na plataforma, utilizam esse mesmo espaço para interação da equipe durante a interpretação.

É possível observar nesse contexto que os intérpretes estão em uma sala privada, onde a imagem deles é capturada, editada e exibida em uma janela de exibição nomeada Tradução e Interpretação Audiovisual da Língua de Sinais (TIALS) (NASCIMENTO, 2021). Nos minutos que antecedem o início do evento interpretativo, os intérpretes acordam algumas terminologias e decidem juntos alguns sinais em Libras que podem vir a utilizar, o que revela uma postura colaborativa e interdependente dos intérpretes durante todo o trabalho (HOZA, 2010). A intérprete que inicia a interpretação na função de apoio informa que seguirá as escolhas realizadas pelo intérprete que inicia no turno, o que demonstra que os intérpretes atuando em equipe devem estar atentos à interpretação do seu colega com a intenção de seguir e entregar ao público uma mensagem coerente e coesa.

Além dos aspectos ligados ao conteúdo, os intérpretes conversam sobre a qualidade da imagem reproduzida na plataforma e se a iluminação está adequada, algo de extrema relevância, visto que, na interpretação que envolve línguas de sinais, a imagem é elemento fundamental e, nem

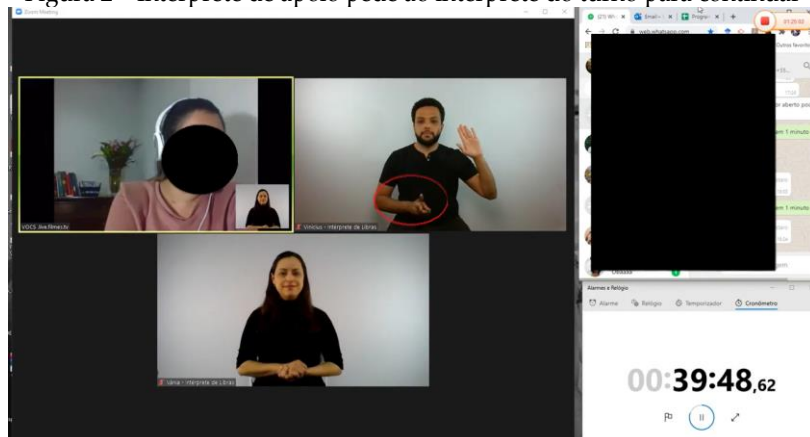


sempre, o que está sendo visto pelo intérprete em seu *set-up* é o que está sendo recebido pelo público, já que aspectos de conexão e de organização da sala de atuação dos profissionais podem influenciar na transmissão.

O revezamento entre os intérpretes na troca de funções foi a cada 15 minutos e, por estarem em uma sala privada, eles ficaram com as câmeras ligadas o tempo todo. A troca da interpretação só ocorreu quando a imagem do intérprete que assumiria o turno estava no vídeo transmitido ao público. Os intérpretes optaram por se comunicar com a equipe técnica via aplicativo de mensagem instantânea e sinalizar com a mão direita levantada que o revezamento poderia ser feito. Dessa forma, o intérprete que estava no turno compreendia que a troca seria realizada e, ao terminar uma sentença, ficava em posição de pausa para que os técnicos pudessem, então, efetivar a troca da imagem transmitida.

No entanto, como é possível observar na imagem abaixo, quando a troca da imagem não era feita pelos técnicos (ou quando eles ainda não tinham visto o pedido de troca no grupo do aplicativo por estarem, talvez, com outra demanda técnica), o intérprete que estava pedindo a troca informava para a intérprete que ainda estava no turno que ela poderia continuar e que realizariam a troca posteriormente.

Figura 2 – Intérprete de apoio pede ao intérprete do turno para continuar



Fonte: acervo pessoal de um dos autores

Abaixo descreveremos os tipos de apoio encontrados e como eles foram oferecidos e recebidos durante a interpretação, destacando os com maior recorrência e os que diferem da descrição teórica que é base para esta análise.

No vídeo analisado foram encontrados apoios conforme os descritos por Nogueira (2016): complemento, com recorrência de 16%, confirmação da interpretação, com recorrência de 9%, sugestão de interpretação com 49%, esclarecimento específico com 18% e correção com 3%. Identificamos, entretanto, um tipo de apoio específico ligado ao contexto remoto, que é a informação sobre a conexão de um dos palestrantes, com 5%, conforme demonstra o gráfico abaixo:

Gráfico 1 – tipos de apoio mapeados no vídeo



Fonte: elaborado pelos autores

O novo apoio mapeado no vídeo analisado indica uma especificidade na interpretação remota, mais ligada aos aspectos de impedimento no acesso à informação para que a interpretação possa acontecer. No recorte em que a informação sobre a conexão é dada pelo intérprete de apoio, uma das palestrantes perde a conexão com a plataforma e, quando isso acontece, a intérprete de turno está finalizando a interpretação de um enunciado proferido antes da queda da conexão. Diante disso, o intérprete de apoio se antecipa e sinaliza que não é possível ouvir a mensagem, devido ao problema de conexão, com os léxicos SOM PROBLEMA (imagem 1 e 2 do quadro abaixo). Nesse momento, a intérprete de turno reproduz a dica de apoio para o público, indicando que há uma dificuldade em acessar a informação para a realização da interpretação (imagem 3 e 4 do quadro abaixo).

Figura 3 – Apoio sobre problemas com a conexão



Fonte: elaborado pelos autores

Dean e Pollard (2019), a partir do modelo do Controle de Demanda de Karasek (1979), amplamente utilizado em estudos e intervenções em saúde ocupacional, descrevem quatro grandes demandas que intérpretes de línguas de sinais enfrentam durante a sua atuação: demandas linguísticas, ligadas a aspectos de uso das línguas por parte de todos os envolvidos na interação; ambientais, ligadas ao ambiente, cenário e contexto em que o intérprete atuará; interpessoais, ligadas às interações estabelecidas com os envolvidos na interação; e intrapessoais, ligadas aos aspectos mais internos e pessoais do intérprete. No modelo proposto pelos autores, demandas são consideradas “[...] como qualquer fator na tarefa que atinge um nível de significância que impacte o trabalho de interpretação” (DEAN; POLLARD, 2019, p. 277), enquanto os controles

incluem todo e qualquer recurso (muito amplamente definido) que o trabalhador possa usar em resposta às demandas de trabalho. É útil pensar na aplicação de controles como respostas (às demandas de trabalho), reconhecendo assim que a não resposta também é um tipo de resposta. (DEAN; POLLARD, 2019, p. 278)

Na segunda demanda, os autores classificam como demandas ambientais todas aquelas decorrentes de alterações do ambiente que impactam o trabalho de interpretação. No caso da cena em questão, o problema de conexão de uma das palestrantes mobiliza o intérprete de apoio à oferta de um suporte informacional para o público, a fim de que fique claro o motivo de uma possível pausa por parte da intérprete. O trabalho em equipe, nesse sentido, permite que a intérprete de turno tenha a informação do problema de conexão antes mesmo da finalização da interpretação do enunciado anterior, o que diminui o impacto de uma possível inferência, por parte de quem está no turno, sobre o que está acontecendo. O apoio deixa claro que não é um problema de conexão do intérprete do turno, mas sim do orador, o que alivia a pressão durante a interpretação, pois o intérprete não precisa se preocupar com alguma instabilidade de sua própria conexão.

A maior recorrência de apoio foi de sugestão de interpretação, com 49% de ocorrência. Segundo Nogueira (2016, p. 138), essa categoria de apoio “está relacionada com a intervenção do apoio ao oferecer uma opção interpretativa para um determinado momento específico do discurso”. Para o autor, a sugestão de interpretação está ligada a um apoio que poderá ou não ser incluído durante a interpretação a partir do desejo de oferecer uma possível solução para um problema interpretativo que o intérprete de turno possa estar enfrentando.

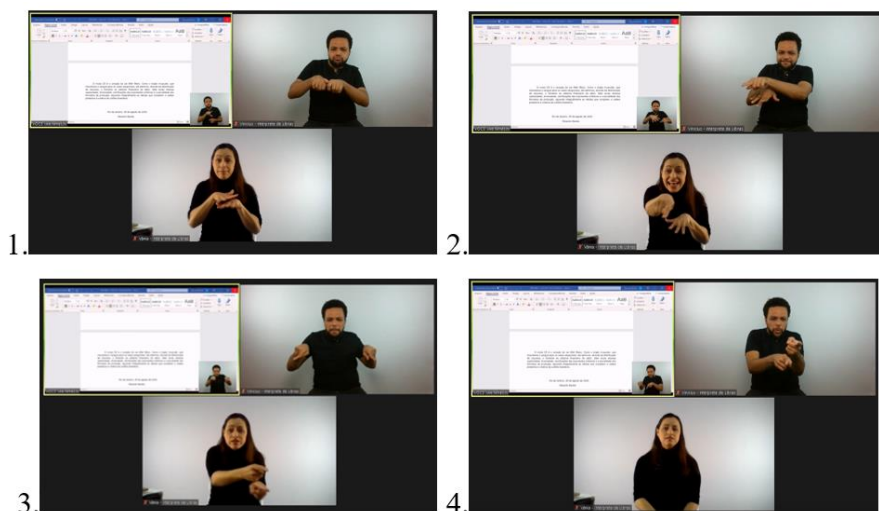
Em uma das situações observadas, o intérprete de turno faz uma pausa diante de uma metáfora utilizada pelo palestrante que lia um texto e, nessa pausa, a intérprete de apoio percebe que a pausa corresponde a uma

necessidade do oferecimento de um suporte naquela situação e, por isso, sugere a possível solução diante do que foi dito.

O intérprete de turno, nesse sentido, reproduz a parte inicial da sugestão e amplia a parte final, indicando, nessa direção, assim como mostra Nogueira (2016), que nem sempre a sugestão ofertada pelo intérprete de apoio pode ser integralmente aceita pelo intérprete de turno, podendo ser rejeitada ou adaptada de acordo com a necessidade que o intérprete sente na situação, conforme podemos observar na transcrição abaixo:

Transcrição do texto lido em português
<p>O inciso três é o coração da Aldir Blanc. Como o órgão muscular impulsiona o sangue para os vasos sanguíneos, o inciso três estimula através da distribuição de recursos o fomento ao sistema financeiro do setor. Esse inciso alcança capilaridade, diversidade, ramificações das expressões artísticas e pluralidade do formato de produção...</p>

Figura 4- Sequência da sugestão de interpretação e reprodução pelo intérprete de turno



Fonte: elaborado pelos autores

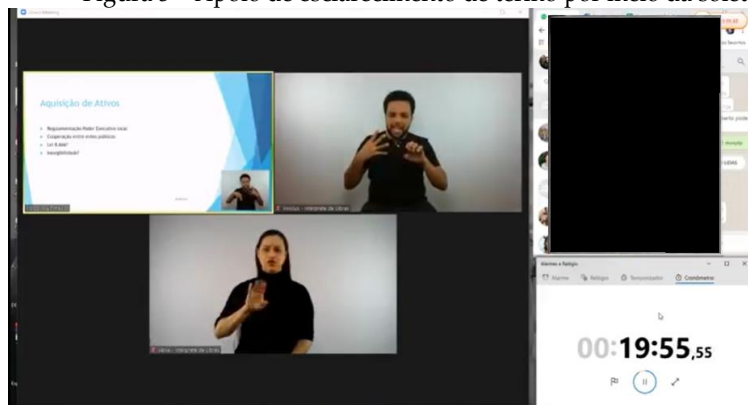
A metáfora compara a Lei Aldir Blanc a um coração que bombeia sangue para o setor cultural. Inicialmente, o intérprete de turno indica o inciso três na Lei realizando uma sequência lexical comparativa construindo no seu espaço lateral à direita a Lei e depois na região do tórax o coração, com uma construção visual imagética do coração pulsando e do sangue correndo pelo corpo. Após fazer isso, ele marca a similaridade da Lei com o coração por meio do léxico utilizado para comparações IGUAL em Libras. Depois disso, ele produz o sinal INVESTIR saindo da lei e indo em direção aos setores culturais à sua frente. Durante essa produção linguística, a intérprete de apoio sorri e balança a cabeça indicando que a escolha foi adequada. Porém, após essa produção, o intérprete de turno para e entra em cena a atuação da intérprete de apoio, que faz a produção linguística indicada na figura 3 com a mão direita aberta e a mão esquerda se movimentando em cima dela mostrando as ramificações a que o texto em português fazia referência. O intérprete de turno acolhe a sugestão da intérprete de apoio parcialmente, reproduzindo a sequência linguística de ramificações, mas acrescentando apontações para elementos à frente da mão.

Nessa situação específica de interpretação, é possível notar a atuação colaborativa presente nas descrições realizadas por Hoza (2010), uma vez que o feedback positivo por parte da intérprete de apoio para o turno permitiu que o intérprete de turno se sentisse à vontade para dar uma pausa que, a princípio, pareceu de processamento, mas que foi preenchida pela sugestão da intérprete de apoio. Como a visualização da intérprete de apoio está super clara devido ao formato da sala de atuação, a

sugestão fica clara e o intérprete de apoio a acata inicialmente, para então dar sequência ao seu raciocínio.

O segundo tipo de apoio em destaque nessa situação de interpretação analisada foi o esclarecimento, com 16% das ocorrências. Conforme Nogueira (2016, p. 133), “o esclarecimento geralmente acontece quando o intérprete do turno demonstra alguma insegurança, incerteza sobre alguma informação ou de como ela deve ser interpretada para a língua-alvo”. Compreendendo a complexidade da interpretação simultânea, em que o intérprete ouve e deve sinalizar ao mesmo tempo a mensagem enquanto está impossibilitado de realizar qualquer interrupção para pedir esclarecimento ao orador, sobretudo por não estar no mesmo espaço, no caso da interpretação remota, o colega na função de apoio é quem assume esse papel de confirmação da informação. Isso ocorre principalmente com nomes, siglas, termos em língua estrangeira ou demais termos que não possuem um equivalente imediato e que, no momento da interpretação, acabam sendo um problema de interpretação. Além de ser frequentemente usada nos casos listados acima, “a datilologia possui funções sentenciais e pragmáticas, inclusive como estratégia enfática nas línguas de sinais” (LOURENÇO; VIANA, 2022, p. 119-120). Nessas situações, opta-se por utilizar a soletração do termo como empréstimo linguístico, o que possibilita que a comunicação continue.

Figura 5 – Apoio de esclarecimento de termo por meio da soletração



Fonte: acervo pessoal de um dos autores

No exemplo acima, a intérprete de apoio esclarece que o termo que deve ser soletrado é a palavra INEXIGIBILIDADE, que representou uma dificuldade prontamente observável na expressão facial de dúvida do intérprete de turno e na interrupção da interpretação. Assim, a intérprete na função de apoio esclarece o termo falado por meio da soletração, e o intérprete do turno no mesmo momento aceita o apoio oferecido e o inclui na interpretação. Foi possível observar que esse apoio foi bastante efetivo entre os intérpretes, principalmente quando era necessário que um termo fosse soletrado. Essa é uma estratégia possível de ser utilizada quando a interpretação ocorre da língua vocal para a língua sinalizada.

Considerações finais

O interesse deste trabalho foi apresentar uma análise descritiva de tipos de apoio utilizados por uma equipe de intérpretes durante atuação em uma conferência na modalidade remota. As categorias descritas por Nogueira (2016) auxiliaram na observação da mobilização dos apoios entre a equipe

de intérpretes, uma ação ativa e colaborativa na antecipação e sugestões de interpretação, demonstrando os papéis dos intérpretes do turno e de apoio.

Foram encontrados os apoios de complemento, confirmação da interpretação, sugestão de interpretação, esclarecimento específico e correção, mesmo sendo a direção da interpretação da língua vocal para a língua de sinais, o que difere do estudo de Nogueira (2016). Identificamos, pelas características estruturais da interpretação remota, um tipo de apoio não descrito anteriormente que chamamos de “informação sobre conexão”, que ocupa um papel importante, primeiro por comunicar ao intérprete de turno que a instabilidade de conexão é do palestrante ou dos outros membros presentes na sala remota de conferência, e não da sua conexão. Em segundo lugar, porque possibilita uma segurança maior para informar ao público que algo externo e provavelmente relacionado à tecnologia está acontecendo e que será preciso aguardar estabilizar a conexão do orador para que a interpretação seja retomada.

Não nos parece obvio que esse apoio “informação sobre conexão” ocorra, pois, se as equipes optarem por formas de interação individualizadas e menos colaborativas, é possível que o problema de conexão aconteça e os intérpretes não se comuniquem, causando no intérprete do turno uma demanda tanto cognitiva quanto de interação maior. O apoio faz um papel importante e evita um impacto maior na interpretação, e esperamos que o registro neste artigo possa contribuir para maior consciência dos intérpretes sobre um ponto de atenção durante a interpretação remota.

Nesse sentido, o trabalho em equipe permite uma ação coesa e colaborativa com as demandas reais que aparecem durante a conferência, diminuindo as interferências na interpretação. É possível concluir que os

acordos prévios e combinações de como essas informações podem ser ofertadas sejam caminhos importantes para o trabalho das equipes em conferências remotas.

Referências

- AIIC. **Professional Standards**. Disponível em: https://aiic.org/document/10235/NormesProf-ProfStandards_2022_E&F_final.pdf Acesso em: 27 out. 2022.
- CHMIEL, A. Boothmates forever? – On teamwork in a simultaneous interpreting booth. **Across Languages and Cultures**, 9 (2), pp. 261-276, 2008. Disponível em: <https://akjournals.com/view/journals/084/9/2/article-p261.xml> Acesso em: 27 out. 2022.
- DEAN, Robyn K.; POLLARD, JR, Robert Q. Raciocínio ético baseado no contexto da interpretação: uma perspectiva do esquema de controle de demanda. Tradução de Layla Penha e Vinícius Nascimento. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 9, n. 5, p. 269-299, out./dez., 2020. Disponível em <http://10.26512/belasinfiéis.v9.n5.2020.28282> Acesso em: 29 agosto 2022.
- ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. **Educar**, Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/dDzfLYyDpPZ3kM9xNSqG3cw/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 01 out. 2022.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GILE, D. The Effort Models in Interpretation. In: **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995. p. 159-190.
- HOZA, J. **Team Interpreting**. Alexandria: Rid Press, 2010.
- JENSEN, J. B. **The Strategic Partnership in the Conference Interpreting Booth**. Paper presented at the Annual Meeting of the American Translators Association, 2006. Disponível em: <https://docest.com/the-strategic-partnership-in-the-conference-interpreting-booth>.
- LOURENÇO, G.; VIANA, L. M. G. Gatilhos de problema na interpretação simultânea Libras-para-português: um estudo sobre a interpretação de informações numéricas e de datilologia. In: GONTIJO, T. A. A.; MARQUES-SANTOS, L. E.; BARROS, S. (Orgs.). **Discussões sobre os Estudos de Tradução e Interpretação e a atuação dos TILS no Brasil**. 1ed.Campinas: Pontes Editores, 2022, p. 113-132.

MCBURNEY, S. L. Pronominal reference in signed and spoken language: are grammatical categories modality-dependent? In: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 329-369.

MOSER-MERCER, B. Remote Interpreting: Issues of Multi-Sensory Integration in a Multilingual Task. **Meta**, v. 50, n. 2, p. 727-738, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/011014ar>. Acesso em: 29 agosto 2022.

NASCIMENTO, M. V. B. **Formação de intérpretes de libras e língua portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes**. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Faculdade de Comunicação, Filosofia, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19562> Acesso em: 14 out. 22.

NASCIMENTO, V. Tradução e Interpretação Audiovisual da Língua de Sinais (TIALS) no Brasil: um estudo de recepção sobre as janelas de Libras na comunidade surda. **Cadernos de Tradução**, v. 41, p. 163-201, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/85302> Acesso em: 29 agosto 2022.

NASCIMENTO, V.; NOGUEIRA, T. C. Interpretação remota de Libras-Português em conferências durante a pandemia de COVID-19: dimensões de uma prática emergente. **Fórum Linguístico**, v. 18, p. 7006-7028, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/81143> Acesso em: 29 agosto 2022.

NASCIMENTO, V.; OLIVEIRA, G. N.; SANTOS, L. F.; SOUZA, J. C.; FORNARI, R. V. Tradução e interpretação de português-libras na rede InformaSUS-UFSCar: direito à informação para surdos em tempos de COVID-19. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, Número Especial, p. 61-82, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/107103/61718>. Acesso em: 27 out. de 2022.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras-Português no contexto de conferência**: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

NOGUEIRA, T. C. Interpretação de conferências: um ensaio sobre os cenários atuais e perspectivas futuras. In: Túlio Adriano Alves Gontijo; Lucas Eduardo Marques-Santos; Solange Maria de Barros. (Org.).

Discussões sobre os estudos de tradução e interpretação e a atuação dos TILS no Brasil. 1ed. Campinas: Pontes, 2022, v. 1, p. 155-173.

PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA**, São Paulo, v. 19, n. spe, p. 209-236, 2003. Acesso em: Ago. 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/delta/a/46vXjxRxNSgjjK73DyHjbHD/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 29 agosto 2022.

RODRIGUES, C. H. Tradução e línguas gestuais-visuais: a modalidade de língua em destaque. In: ALBRES, N. A.; RODRIGUES, C. H.; NASCIMENTO, V. (Orgs.) **Estudos da Tradução e Interpretação da Língua de Sinais: contextos profissionais, formativos e políticos**. Florianópolis: Editora Insular, 2022.

RUSSEL, D. **Team Interpreting: Best Practices**, AVLIC, 2011.

Disponível em: http://www.avlic.ca/sites/default/files/docs/2011-07Team_Interpreting_Best_Practices_Article-by_Debra_Russell.pdf.

Acesso em: 29 agosto 2022.

SILVA, A. M. da; NOGUEIRA, T. C. Considerações acerca da interpretação de língua oral para a língua de sinais com a presença do intérprete de apoio. In: **II Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação da Língua de Sinais**. 2012. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais2012.html> Acesso em: 29 agosto 2022.

Resumo

Este artigo discute a interpretação de conferências remota realizada em equipe durante a pandemia de COVID-19. Apresenta uma análise descritiva de tipos de apoio utilizados por uma equipe de intérpretes durante uma conferência com base nas formas de apoio descritas por Nogueira (2016). Os autores mapearam estratégias de apoio de complemento, confirmação da interpretação, sugestão de interpretação, esclarecimento, correção e ainda, dadas as características da interpretação simultânea remota, um tipo de apoio não descrito anteriormente que foi denominado de “informação sobre conexão”.

Palavras-chave: Interpretação simultânea remota; Interpretação de conferências; Formas de apoio; intérpretes de Libras-Português.

Abstract

This article discusses teamwork in remote simultaneous interpreting during the COVID-19 pandemic. The objective is to present a descriptive analysis of the types of support used by a team of interpreters during a conference based on the types of support described by Nogueira (2016). The authors found the following support strategies: complement, interpretation confirmation, interpretation suggestion, clarification, correction and also, given the characteristics of remote simultaneous interpretation, a type of support not previously described that was called “information about internet connection”.

Keywords: Remote Simultaneous Interpreting; Conference interpreting; Support forms; Libras-Portuguese interpreters